



Adolescência e Cibercultura: Uma Análise Psicanalítica dos Processos de Subjetivação Digital

Adolescence and Cyberculture: A Psychoanalytic Analysis of the Processes of Digital Subjectivation

Nilton Rodrigues Junior

Pós-doutorado em Teologia pela PUCRio, Doutor e Mestre em Antropologia pelo IFCS-UFRJ, Bacharel em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula. Docente da Universidade Estácio de Sá. Coordenador do projeto de Iniciação Científica: Adolescência e cibercultura: Uma análise psicanalítica dos processos de subjetivação digital.

Bárbara da Silva Bosi

Bacharelada em Psicologia na Universidade Estácio de Sá. Bolsista de Iniciação Científica do projeto: Adolescência e cibercultura: Uma análise psicanalítica dos processos de subjetivação digital.

Hannah Carolina Asafe da Silva de Oliveira

Bacharelada em Psicologia na Universidade Estácio de Sá. Bolsista de Iniciação Científica do projeto: Adolescência e cibercultura: Uma análise psicanalítica dos processos de subjetivação digital.

Yasmim Alves da Costa Silva

Bacharelada em Psicologia na Universidade Estácio de Sá. Bolsista de Iniciação Científica do projeto: Adolescência e cibercultura: Uma análise psicanalítica dos processos de subjetivação digital.

Resumo: Este capítulo apresenta resultados preliminares de uma pesquisa de iniciação científica dedicada à investigação dos processos de subjetivação de adolescentes no contexto das redes sociais digitais, a partir de uma perspectiva psicanalítica articulada a contribuições da filosofia e das ciências humanas. Parte-se da hipótese de que as plataformas digitais não constituem apenas instrumentos de comunicação, mas dispositivos que participam ativamente da produção da subjetividade contemporânea, reconfigurando as dinâmicas do desejo, da identidade, do reconhecimento e do laço social. O estudo fundamenta-se, principalmente, nas formulações de Freud e Lacan, dialogando com as contribuições de Byung-Chul Han acerca da sociedade do desempenho e da psicopolítica, bem como com a teoria da performatividade de Judith Butler. Discute-se como a mediação algorítmica e a lógica da hiperexposição digital intensificam experiências de sofrimento psíquico, tais como ansiedade, solidão digital, autoexploração e fragilidade narcísica, ao mesmo tempo em que possibilitam novas formas de experimentação subjetiva e de construção identitária. Conclui-se que as redes sociais constituem um campo privilegiado para a investigação dos modos contemporâneos de subjetivação, impondo à Psicanálise o desafio de compreender os efeitos das tecnologias digitais sobre a constituição do sujeito, sem reduzir tais processos a perspectivas deterministas ou exclusivamente patologizantes.

Palavras-chave: adolescência; psicanálise; subjetivação; redes sociais; cultura digital.

Abstract: This chapter presents preliminary findings from an undergraduate research project investigating the processes of adolescent subjectivation within digital social networks from a psychoanalytic perspective articulated with contributions from philosophy and the human sciences. The study is grounded on the assumption that digital platforms are not merely communication tools but dispositifs actively involved in the production of contemporary subjectivity, reshaping the dynamics of desire, identity, recognition, and social bonds. Its theoretical framework is primarily based on the works of Freud and Lacan, while also incorporating Byung-Chul Han's reflections on the achievement society and psychopolitics,

together with Judith Butler's theory of performativity. The chapter discusses how algorithmic mediation and the logic of permanent digital exposure intensify experiences of psychological suffering, including anxiety, digital loneliness, self-exploitation, and narcissistic vulnerability, while simultaneously creating new possibilities for subjective experimentation and identity construction. It concludes that social media constitute a privileged field for investigating contemporary processes of subjectivation, challenging psychoanalysis to critically examine the effects of digital technologies on the constitution of the subject without reducing these processes to deterministic or exclusively pathological interpretations.

Keywords: adolescence; psychoanalysis; subjectivation; social media; digital culture.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta resultados preliminares de um programa de pesquisa mais amplo dedicado à investigação da subjetivação de adolescentes no ciberespaço. Nesse estudo temos como propósito expor as primeiras reflexões produzidas a partir do levantamento inicial do objeto, bem como explicitar a hipótese central que orienta a investigação, seus pressupostos teóricos e metodológicos e as principais questões que emergem desse campo de pesquisa. Ao apresentar essas considerações iniciais, pretende-se não apenas delimitar o problema investigado, mas também evidenciar a relevância acadêmica do tema, ainda pouco explorado na literatura especializada, indicando os caminhos analíticos que orientarão as etapas subsequentes da pesquisa.

Estamos acostumados com o Facebook, WhatsApp, Instagram, TikTok, LinkedIn, Telegram, X (Twitter), navegamos por sites e perfis, ouvimos lives, postamos, somos marcados e marcamos, stalkeamos e tudo mais. Mas nada, atualmente, se parece com o futuro Jetsonsiano.

Quando em 23/9/1962 os criadores do desenho Os Jetsons da Hanna-Barbera idealizaram o futuro de 2062, o pensaram imerso nas tecnologias que facilitariam o cotidiano. Eram carros voadores que viravam malas e que resolviam o problema dos estacionamento e engarrafamentos, cidades suspensas, transporte por tubos injetores, trabalho automatizado, máquinas que faziam comida, esteiras rolantes, robôs como empregadas domésticas, entre outros. Mas o que chama a atenção é como foram pensadas as comunicações: o telefone era uma espécie de televisão, um videochat, mas havia antenas externas, botões físicos, alto-falante e fios. Se nas outras previsões estamos bastante distantes da Era Jetsonsiana, nas comunicações superamos em muito as expectativas. Já nos comunicamos em aparelhos que não têm alto-falantes externos, nem têm botões físicos, nem fios e muito menos antenas externas. Tais avanços nos têm feito redesenhar nossa maneira de interagir em redes, no que chamamos de Redes Sociais (Castells, 1999; Harari, 2024; Levy, 1999).

Hoje as principais redes sociais são: Facebook, WhatsApp, Instagram, X (antigo Twitter), LinkedIn. São responsáveis por 62% do tráfego na Internet. Definidas como plataformas visuais e virtuais que conectam pessoas que partilham diversos interesses, problematizam as distâncias geográficas, temporalidades,

espacialidades, diversidades ou outras quaisquer barreiras. Entendidas aqui não como instâncias determinantes, mas como dispositivos que participam de processos complexos de subjetivação, implicando dimensões simbólicas, imaginárias, corporais e afetivas da experiência (Baptista, 2017; Castells, 1999; Levy, 1993).

O biógrafo de Freud, Ernest Jones, descreve a maneira com que Freud procedeu para convidar alguns médicos para iniciarem um encontro fecundo sobre psicanálise, e que mais tarde ficou conhecida como a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras, e que deu origem, em 15/4/1908, à Sociedade Psicanalítica de Viena:

No outono de 1902, Freud remeteu um cartão postal a esses quatro médicos: Max Kahane, Rudolf Reitler, Alfred Adler e Wilhelm Stekel, sugerindo que se encontrassem em sua residência para discutir os seus trabalhos (...) daí por diante eles adquiriram o hábito de se reunir todas as quartas-feiras à noite para o fim de debaterem os assuntos, na sala de espera de Freud, que era convenientemente mobiliada para o evento com uma mesa oblonga (Jones, 1979, p. 372,373).

O convite por cartão-postal transformou-se em um encontro único, como nos fala Elisabeth Roudinesco (2016, p. 136): “Durante uma curta pausa, tomavam café preto e comiam deliciosos amanteigados. Lançavam-se então em intermináveis discussões, enquanto fumavam sofregamente charutos e cigarros”.

Se há 118 anos Freud mandava cartão-postal convidando médicos a se encontrarem face a face em seu vestíbulo, o ano de 2026 provoca na Psicanálise um novo, inédito e inquietante espaço de convivência e subjetivação: as Redes Sociais.

Freud, em 1930, em seu texto *O mal-estar na cultura* falava do progresso da Ciência e de seus produtos, afirmando que tais criações levam o homem a ocupar cada vez mais a imagem de Deus: “O ser humano tornou-se uma espécie de deus protético (...) tempos distantes irão trazer consigo novos avanços, provavelmente inimagináveis, para esse campo da cultura, e irão aumentar ainda mais sua semelhança com Deus” (Freud, 2020, p. 340).

Lacan, em 13/3/1973, reforçou a ideia freudiana de progresso da ciência, ao afirmar, no Seminário 20, que “tratando-se do discurso científico (...) esse discurso engendrou todo tipo de instrumento de que precisamos, do ponto de vista de que aqui se trata, qualificar de gadgets. Desde então, vocês são infinitamente muito mais do que pensam, os sujeitos dos instrumentos” (2008, p. 88).

É precisamente nesse horizonte que se inscreve a presente investigação. Se, por um lado, a Psicanálise nasceu da palavra endereçada ao outro em um espaço de encontro presencial, por outro, a cultura digital inaugura novas formas de laço social, de circulação do desejo, de produção de imagens de si e de relacionamentos, deslocando as condições nas quais os processos de subjetivação se constituem. As redes sociais não representam apenas um novo meio de comunicação, mas um ambiente que reorganiza temporalidades, modos de presença, experiências do

corpo, da alteridade e do vínculo social, especialmente entre adolescentes, para os quais o ciberespaço constitui parte indissociável da experiência cotidiana. Diante desse cenário, torna-se necessário interrogar de que maneira esses dispositivos tecnológicos participam da constituição da subjetividade contemporânea, bem como investigar quais desafios teóricos tais transformações impõem à Psicanálise, cuja tarefa permanece a de compreender as formas pelas quais o sujeito se constitui em cada configuração histórica da cultura.

SUBJETIVAÇÃO ADOLESCENTE NO CIBERESPAÇO

A adolescência representa uma etapa nodal na constituição da identidade e da subjetividade, marcada por desafios psíquicos e sociais que se intensificam no contexto contemporâneo pela crescente presença das tecnologias digitais. A quase onipresença das redes sociais não apenas transforma as modalidades de interação e sociabilidade, mas reconfigura processos subjetivos fundamentais, ligados ao desejo, à construção do eu e ao vínculo com o Outro. Nesse horizonte, torna-se imperativo para a psicanálise aprofundar a compreensão do sujeito em sua complexidade histórica, social e tecnológica.

Embora a literatura sobre adolescência e tecnologia tenha avançado, predominam análises quantitativas e abordagens que tratam dos usos tecnológicos ligados ao ensino, deixando lacunas significativas em torno das dimensões inconscientes e simbólicas das experiências digitais. Ademais, a rápida evolução das interfaces digitais demanda um olhar crítico, interdisciplinar e atualizado.

Enfatizando a necessidade de pensar a subjetividade em diálogo com os processos socioculturais e tecnológicos, nossa pesquisa pretende preencher tais lacunas, aprofundando a compreensão das maneiras pelas quais o mundo virtual configura novas formas de sofrimento psíquico, identidades performáticas e laços sociais em constante transformação.

Sem desconsiderar, contudo, que esses mesmos ambientes podem igualmente operar como espaços de experimentação subjetiva, nos quais se abrem possibilidades de invenção identitária e de reconfiguração dos modos de laço social, ainda que tais processos se deem sob condições marcadas por tensões estruturais. Longe de se reduzirem a dispositivos de captura ou alienação, as redes sociais podem ser compreendidas como cenários nos quais o sujeito se engaja em tentativas de simbolização de sua experiência, mobilizando identificações, deslocamentos e reinscrições no campo do Outro. Nesse sentido, a exposição de si, frequentemente interpretada apenas como efeito narcísico, pode também ser pensada como uma forma de endereçamento, na qual o sujeito busca inscrever seu desejo e obter reconhecimento, ainda que atravessado por impasses e mal-entendidos próprios da estrutura. Tais dinâmicas implicam uma articulação complexa entre os registros simbólico, imaginário e real, na medida em que a construção de imagens de si convive com a insistência do gozo e com aquilo que escapa à representação. Assim, os ambientes digitais não apenas intensificam formas contemporâneas

de sofrimento psíquico, mas também configuram espaços ambíguos nos quais se entrelaçam processos de alienação e possibilidades de separação, repetição e criação, evidenciando que a subjetivação, mesmo sob condições tecnológicas altamente mediadas, permanece aberta à contingência e à invenção.

A contemporaneidade digital, conforme diagnosticada por Byung-Chul Han (2018), configura uma sociedade do desempenho, em que o indivíduo se torna seu próprio explorador, impulsionado por demandas incessantes de produtividade e exposição. Esse cenário manifesta-se intensamente nas redes sociais, espaços de visibilidade obrigatória e autovigilância que promovem uma ilusão da transparência, criando uma sensação paradoxal de constante observação e profunda solidão.

Essa solidão digital, conceito desenvolvido por Han e retomado por Lima (2024) e Leite (2022), evidencia que a hiperconectividade não se traduz em laços sociais reais, podendo exacerbar sentimentos de isolamento e fragilidade subjetiva. Para os adolescentes, imersos em ambientes regulados por algoritmos que mediam o fluxo de informações e validações simbólicas (Castells, 1999; Dunley, 2005; Garrido e Zuccolotto, 2022), essa pressão sobre o eu potencializa estados de ansiedade, fadiga psíquica e vulnerabilidades emocionais, reforçando as chamadas “doenças da positividade”: estresse, burnout e depressão, caracterizadas por autoexploração e hiperresponsabilização (Han, 2018).

As redes sociais possibilitam a instauração de novas formas de mediação que interferem no campo do desejo e do reconhecimento, transformando o Outro psicanalítico (Lacan, 2008; Lacan, 2010; Quinet, 2012) em um Outro tecnológico, que, por meio dos algoritmos, regula a visibilidade, a aprovação e o pertencimento social. Tal reconfiguração do laço social e dos mecanismos de subjetivação impõe à Psicanálise uma leitura ampliada e crítica, que articule seus referenciais psicanalíticos com a análise das tecnologias e suas implicações sociais (Han, 2018; Saroldi, 2017; Zimpek, 2024).

Portanto, o presente estudo traz tais inquietações, investigando como as tecnologias digitais atravessam e transformam a experiência adolescente, gerando simultaneamente novas formas de sofrimento psíquico e possibilidades inéditas de construção subjetiva. Ao articular os conceitos de sociedade do desempenho, solidão digital e ilusão da transparência de Han com os estudos sobre subjetividade e cultura digital (Levy, 1999; Castells, 1999; Lima *et al.*, 2024), com estudos psicanalíticos do ciberespaço (Bonomo, 2019; Leite, 2022; Lima *et al.*, 2024; Garrido e Zuccolotto, 2022), nossa pesquisa pretende produzir uma reflexão crítica mais sensíveis à complexidade do mundo digital contemporâneo.

Dessa forma, nossa pesquisa justifica-se pela urgência em compreender os desafios e as potencialidades da adolescência na era digital, ampliando o campo da Psicanálise para além dos paradigmas tradicionais e respondendo aos efeitos profundos da cultura tecnológica sobre a subjetividade, o vínculo e a saúde mental.

ADOLESCÊNCIA E CIBERESPAÇO: APORTES TEÓRICOS

Buscamos, com nossa pesquisa, investigar, a partir de um diálogo da Psicanálise com outras teorias do conhecimento, os processos de subjetivação dos adolescentes no contexto das redes sociais digitais, buscando compreender como as interações mediadas por essas tecnologias reconfiguram as dinâmicas do desejo, da identidade e do sofrimento psíquico, bem como a presença dos adolescentes na constituição dos modos contemporâneos de experiência e vínculo digital.

Ao analisar as manifestações discursivas e simbólicas presentes nas interações digitais de adolescentes em redes sociais, buscamos identificar padrões de performatividade, exposição do eu e negociações identitárias. Nas práticas sociais e afetivas que emergem nos ambientes virtuais frequentados por adolescentes, destacamos as formas de sociabilidade, conflito e pertencimento, realizando uma análise crítica das formas com que os algoritmos e agentes de inteligência artificial podem se constituir como afluentes de um novo Outro, que regulam o desejo e a validação social

A investigação dos processos subjetivos na adolescência contemporânea requer uma abordagem interdisciplinar que articule as contribuições da Psicanálise, sobretudo as formulações de Freud e Lacan, com as reflexões críticas sobre as transformações socioculturais desencadeadas pelas tecnologias digitais. Essa articulação permite apreender a complexidade da subjetivação juvenil inserida em um cenário marcado pela ubiquidade das redes sociais e pela mediação algorítmica.

Byung-Chul Han (2017), ao analisar a sociedade do desempenho, identifica um regime social caracterizado por um excesso de positividade que promove a autoexploração incessante. Nesse contexto, o sujeito adolescente é simultaneamente produtor e consumidor de si mesmo, submetido a uma pressão constante pela visibilidade, produtividade e autovigilância. As redes sociais funcionam como dispositivos que impõem uma lógica de exposição permanente e reconhecimento contínuo, intensificando formas contemporâneas de sofrimento psíquico, como ansiedade, esgotamento e o paradoxo da solidão digital (Birman, 1999; Dunker, 2015).

Do ponto de vista freudiano, a subjetividade se estrutura a partir do inconsciente, dos processos de recalque e da dinâmica pulsional. Freud (2017) já indicava que o sujeito é marcado por conflitos entre desejos inconscientes e as exigências da realidade e da moral, mediadas pela instância do supereu. No contexto digital, essa estrutura é tensionada pela cultura do desempenho e da visibilidade, que transforma o supereu tradicional em um supereu digital que exige uma exibição contínua e uma constante produção de si, um fenômeno que pode ser compreendido como uma intensificação das demandas repressivas internas e externas, geradoras de sofrimento psíquico.

Lacan (1992), por sua vez, aprofunda a compreensão do sujeito ao destacar sua divisão nos registros do Real, Simbólico e Imaginário (RSI). As redes sociais ampliam sobremaneira o campo do Imaginário, estimulando uma hiperfixação na

imagem do eu, construída em diálogo com a busca pelo reconhecimento do Outro. Essa dinâmica reforça a dependência da validação simbólica e da aprovação social mediada por algoritmos, que atuam como um Outro tecnológico e reconfiguram o laço social. Contudo, essa intensificação do Imaginário pode obscurecer o acesso ao Simbólico, a ordem da linguagem, da lei e da interdição, provocando uma angústia frente ao Real, aquilo que não pode ser simbolizado e que desafia a experiência consciente.

Judith Butler (2017, 2021, 2022), com sua teoria da performatividade, traz um aporte fundamental para compreender a construção da identidade na adolescência digital. Butler postula que a identidade não é uma essência fixa, mas um processo performativo, uma série de atos repetidos que consolidam um sujeito dentro de determinados regimes normativos. Nas redes sociais, essa performatividade ganha contornos inéditos, pois o palco da exposição pública exige uma produção contínua de si que é simultaneamente uma construção e uma conformidade a padrões simbólicos normativos, de gênero, de aparência, de comportamento.

Essa performance do eu digital está sujeita a uma dupla dinâmica: por um lado, oferece espaço para invenções identitárias e para a subversão dos regimes normativos; por outro, reproduz e reforça mecanismos de poder que regulam a visibilidade e a exclusão social. A teoria de Butler dialoga com a análise lacaniana ao apontar como o sujeito se constitui em relação a um Outro regulador, que no contexto digital assume a forma de algoritmos e dispositivos de vigilância.

A convergência desses autores permite uma análise crítica e profunda dos modos pelos quais as redes sociais reconfiguram a identidade, o vínculo social e os mecanismos de sofrimento na adolescência contemporânea. Essa articulação teórica oferece um quadro robusto para a investigação empírica que reconheça as singularidades e paradoxos do sujeito na era digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade na cultura digital está marcada, de um lado, pelos efeitos estruturais da linguagem e do inconsciente, tal como formalizados pela tradição freudo-lacaniana, e, de outro, pelas transformações contemporâneas nos modos de experiência, afeto e corporalidade implicados pelas mediações tecnológicas. Trata-se de considerar que, embora o sujeito permaneça estruturado pela ordem do significante e atravessado pela falta constitutiva que o inscreve no campo do desejo, as condições históricas e técnicas atuais incidem de maneira decisiva sobre as formas pelas quais esse sujeito se relaciona com o Outro, com o corpo e com o gozo (Gomes, 2019; Nobre, 2020).

Nesse contexto, as redes sociais podem ser compreendidas não apenas como suportes de comunicação ou representação, mas como dispositivos que reorganizam os circuitos de visibilidade, reconhecimento e endereçamento, produzindo efeitos específicos na economia libidinal (Alcantara, 2025; Han, 2018). A intensificação da exposição de si, a lógica da resposta imediata e a modulação

algorítmica da presença introduzem variações significativas nos regimes de atenção e de afetação, incidindo sobre o modo como o sujeito experimenta sua própria imagem, seu corpo e sua inserção no laço social.

Ao mesmo tempo, tais dispositivos participam de uma reconfiguração das modalidades de gozo, na medida em que favorecem circuitos de repetição e satisfação que tendem a contornar ou enfraquecer as mediações simbólicas tradicionais, aproximando o sujeito de formas de relação mais imediatas com o objeto. Essa dinâmica pode ser pensada, a partir da leitura lacaniana, como uma intensificação do acesso ao mais-de-gozar, frequentemente articulado à lógica do olhar e à captura imaginária, sem que isso elimine, contudo, a dimensão do impossível que marca o encontro com o Real (Carvalho, 2019). Assim, o corpo, longe de ser mero suporte biológico ou imagem especular, emerge como lugar privilegiado de inscrição dessas tensões, sendo atravessado por modos de gozo que escapam à plena simbolização e que se manifestam nas experiências afetivas, nas práticas de exposição e nas formas de engajamento digital.

Nessa perspectiva, a cultura digital não é tomada como instância determinante da subjetividade, mas como campo de incidência no qual se rearticulam, de maneira singular, os registros do simbólico, do imaginário e do real, produzindo configurações específicas do laço social e do sofrimento psíquico. Ao mesmo tempo, esse campo não se reduz a uma lógica de alienação ou captura, abrindo também a possibilidade de deslocamentos, invenções e reconfigurações subjetivas, ainda que sempre atravessadas pelos impasses próprios da estrutura.

As reflexões apresentadas neste estudo permitem afirmar que a cultura digital não pode ser compreendida apenas como um novo cenário de interação social, mas como um espaço privilegiado de produção de subjetividades, no qual se reorganizam os modos de desejar, reconhecer-se e estabelecer vínculos com o Outro. A adolescência, por constituir um período particularmente marcado pela constituição identitária e pelas operações de separação, identificação e pertencimento, revela-se um campo fecundo para compreender os efeitos da mediação algorítmica sobre os processos psíquicos contemporâneos. Nessa perspectiva, a Psicanálise, ao articular a dimensão inconsciente da experiência com as transformações históricas e tecnológicas da cultura, oferece instrumentos conceituais importantes para pensar as novas formas de sofrimento psíquico, sem reduzir o sujeito aos determinismos técnicos nem atribuir às plataformas digitais um poder absoluto sobre a constituição subjetiva.

Finalizamos com a seguinte provocação: se Freud interrogou os efeitos da ciência e da cultura sobre o mal-estar de sua época, talvez o desafio contemporâneo da Psicanálise consista em compreender como o sujeito do inconsciente se constitui em um mundo progressivamente mediado por algoritmos, inteligências artificiais e dispositivos digitais.

Por tratar-se de uma pesquisa em desenvolvimento, as questões aqui apresentadas permanecem abertas e indicam a necessidade de aprofundamento teórico e empírico. Mais do que responder definitivamente a essa questão, nosso estudo pretende contribuir como um provocativo. As etapas subseqüentes

da investigação buscarão analisar manifestações discursivas produzidas por adolescentes em ambientes digitais, examinando de que maneira algoritmos, inteligências artificiais e plataformas de interação participam da constituição de novas modalidades de laço social, reconhecimento e sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Samuel. **Segregação digital: ensaio psicanalítico sobre os efeitos do atual estado na Internet no sujeito e no laço social**. Curitiba: Appris, 2025.
- BAPTISTA, Angela; Jerusalinsky, Julieta (orgs.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais**. Salvador: Ágalma, 2017.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: Uma política do performativo**. São Paulo: Unesp., 2021.
- BUTLER, Judith. **Que mundo é este? Uma fenomenologia pandêmica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- CARVALHO, Joice; MAGALHÃES, Priscila; SAMICO, Fernanda. Instagram, narcisismo e desamparo: um olhar psicanalítico sobre a exposição da autoimagem no mundo virtual. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2, 2019, p. 87-93.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DUNKER, Christian. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: A psicopatologia entre o sujeito e a biopolítica**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- DUNLEY, Glaucia. **A festa tecnológica: O trágico e a crítica da cultura informacional**. São Paulo: Escuta, 2005.
- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. In: Freud, Sigmund. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- GARRIDO, Caio; ZUCCOLOTTO, Fábio. **A nova era tecnológica: redes sociais, realidade virtual e inteligência artificial: Um olhar psicanalítico e social**. Belo Horizonte: Letramento, 2022.
- GOMES, Alice. **O sujeito nas redes sociais digitais: posição adolescente e os impasses de separação frente ao olhar do Outro**. Tese, Universidade de Fortaleza (Programa de Pós-Graduação em Psicologia), Fortaleza, 2019.

HAN, Byung-Chul. **No Enxame: Perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: Neoliberalismo e novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HARARI, Yuval. **Nexus: Uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2024.

JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LIMA, Nádia; Berni, Juliana; Nobre, Márcio; Vasconcelos, Allisson (orgs.). **O mal-estar na cultura digital: Cenários clínicos e políticos**. Curitiba: Appris, 2024.

LEITE, Pedro. **O mal-estar na civilização digital**. São Paulo: Blucher, 2022.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1999.

NOBRE, Márcio. **Derivas do saber na cultura digital: o sujeito do inconsciente entre algoritmos e matemas**. Tese (doutorado em Psicologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SAROLDI, Nina. **O mal-estar na civilização: As obrigações do desejo na era da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

ZIMPEK, Denise. Realidade psíquica e realidade virtual podem andar juntas? **Revista da SBPdePA**, v. 25, n. 2, p.41–48, 19/12/2024.